



umanitas

71

***O Misanthropo*, de Menandro. Produção de Teatro Maizum, com encenação de Silvina Pereira, de 6 a 23 de Julho de 2017, no Museu de Lisboa – Teatro Romano**

A comédia *Díscolo*, do grego Menandro, foi apresentada em 316 aC, no festival das Leneias, que decorria em Janeiro, e terá granjeado o primeiro prémio. Hoje é no Museu de Lisboa –Teatro Romano que podemos assistir à peça, produzida pelo Teatro Maizum, com encenação de Silvina Pereira. A peça integra-se no Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida, que decorre entre 5 de Julho e 27 de Agosto, o qual apresenta na cidade espanhola, nesta sua 63.<sup>a</sup> edição, as seguintes peças: *Oresteia*, de Ésquilo; *Calígula*, de Albert Camus; *Troianas*, de Eurípidés, numa versão de Alberto Conejero; *Séneca*, de Antonio Gala; *A bela Helena*, de Jacques Offenbach; *A comédia das mentiras*, de Pep Anton Gómez e Sergi Pommeyer, a partir da obra de Plauto; e *Viriato*, de Florián Recio.

O Teatro Romano de Lisboa construído e reconstruído no séc. I dC, a meia encosta, na vertente sul da colina do Castelo, com capacidade para cerca de quatro mil espectadores, foi abandonado no séc. IV dC. Permaneceu soterrado até à reconstrução da cidade de Lisboa, em 1798. Apesar dos constrangimentos impostos pela urbanização densa do local, que inviabiliza descobrir mais o monumento, foi notável o trabalho feito num espaço verdadeiramente difícil para acomodar uma audiência. Bem instalados, os espectadores conseguem até imaginar, graças a uma tela convenientemente posicionada, o que seriam as bancadas que jazem sob as casas circundantes.

Em 2016, pela mesma altura (entre 7 e 17 de Julho), neste mesmo local, com a mesma parceria (Teatro Maizum e Teatro Romano) pudemos assistir a uma peça da Comédia Antiga, *Paz*, de Aristófanes. Um ano depois, entre 6 e 23 de Julho de 2017, a escolha recaiu sobre uma peça da Comédia Nova, a qual tem particular relevância por ser a mais completa e por isso a que melhor permite conhecer este tipo de comédia, que tão grande influência teve entre os cultores latinos do género. Em ambos os casos, a versão do

texto é da autoria da Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva, catedrática da Universidade de Coimbra e especialista em Aristófanes.

O título, sob o qual a companhia apresenta a comédia de Menandro, reproduz o que Molière escolheu para a peça que escreveu na esteira da peça grega: *O Misanthropo*. No entanto, em seiscentos (1666), o imperfeito conhecimento de uma peça que só em meados do século xx foi encontrada (Papyrus Bodmer IV, Cologny-Genève, 1958) levou a diferenças inevitáveis no tratamento do tema do homem que odeia o género humano.

De caras empoadas de branco a imitar as máscaras teatrais da Antiguidade, onze actores, sobem e descem, movimentando-se pelas pedras do teatro, num notável aproveitamento da cena. Da casa do misantropo, mal-humorado, ao poço, onde o protagonista quase se afoga, na sua vã afirmação de auto-suficiência, as pedras tornam prescindíveis mecanismos e cenários sofisticados. Ninguém duvida da existência do poço, imaginado nas pedras que ocultam a personagem. Inequivoca é também a sua profundidade. Atestam-na a extensão das cordas desenroladas pelos salvadores Sóstrato e Górgias e o andar arrastado do protagonista Cnémon quando dele emerge.

Escrita depois da morte de Alexandre (323 aC), na época de governação do diádoco Cassandro (305-297 aC), a peça não veicula ideias políticas, mas lições intemporais: a importância da solidariedade humana, evidente no salvamento do misantropo, e a prevalência vácuca da riqueza, quando discriminatória dos mais pobres, como explica Górgias a seu pai, quando o tenta demover a aceitar o enlace com a filha do velho Cnémon. De facto, é a ideia de igualdade entre os homens e o valor do íntegro carácter do homem o que a peça pretende realçar e celebrar com o *lieto fine* das duplas bodas celebradas. Os espectadores são alegremente integrados na cena final com uma distribuição dos frutos que torna as suas palmas um aplauso à festa nupcial e uma homenagem à probidade do ser humano.

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA  
alexandra.a.sousa@sapo.pt

Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa